

## Uma análise do processo de canonização de Padre Pelágio

Eduardo Gusmão de Quadros \*

É um processo longo e dispendioso. O que pretende verificar a cúria romana com esse tipo de averiguação? Quais interesses a ordem redentorista no Brasil teve para produzi-la? O que os leva a mantê-lo correndo nos órgãos do Vaticano? Ou por que os devotos de Padre Pelágio se submeteram às inquirições?

São muitas as vozes reunidas num processo de canonização, mas é nítido que elas estão orquestradas sob a batuta dos padres postulantes da causa. Eles produziram a investigação com interesses claramente colocados. As respostas das testemunhas, mesmo se revelassem grandes divergências com a teologia oficial, foram obtidas com questões padronizadas previamente estabelecidas. Não se deve ser ingênuo na leitura dessas fontes.

Escutar as vozes contidas em tantas páginas não deixa de ser um desafio. Não que os responsáveis pela inquirição diocesana – como se denomina a investigação - quisessem calá-las. Pelo contrário, queriam fazê-las falar, mas certas coisas. Vozes e visões diferentes do personagem a ser canonizado estão registradas e, simultaneamente, harmonizadas.

Não se deve cair na relativa ingenuidade de muitos que trabalham com processos eclesiásticos, a exemplo dos estudos com fontes inquisitoriais, sem levantar questões como essas. Os investigadores não são “antropólogos” (cf. GINZBURG, 2007), independente dos assuntos que abordem. E mesmo se fossem, seus interesses não estariam em suspensão, nem os dados obtidos deixariam de conter suas marcas.

Claro que a personagem que a instituição religiosa pretende canonizar nos dias atuais possui perfil específico, indicando comportamentos que o alto clero deseja imprimir em seu rebanho. Os santos já foram considerados quase “homens-deuses” no cristianismo oriental, traziam proteção contra os males da peste na Idade Média européia e podiam ser simples guardiões de uma pequena comunidade (BROWN, 1991). A relação estabelecida com a ortodoxia eclesiástica provém do século XI, com os esforços feitos pela reforma gregoriana. Foi a partir de 1160, indica Vauchez (1987, p.297), que o papado assumiu o direito de se pronunciar sobre o caráter santo, iniciando os processos de canonização.

---

\* Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor da Universidade Estadual de Goiás e da Universidade Católica de Goiás.

Afirma-se, a partir de então, esse intercâmbio entre as demandas institucionais, representadas pela Cúria romana, e aquilo que os clérigos imaginam do que sejam as necessidades populares. O Concílio de Trento reforçou a devoção aos santos com esse sentido moral e pedagógico, pois eles seriam dignos de *imitação*. Principalmente na Europa do período moderno, a santidade terá um sentido missionário, como apontou Chatelier:

*Desde então, tudo o que pudesse aproximar o homem de Deus era muito vivamente recomendado por Roma. Era o caso dos cultos de intercessão que haviam sido rejeitados pela Reforma protestante do século XVI e, mais recentemente, pelos jansenistas e numerosos teólogos das Luzes. (...) As devoções aos santos terapêuticas ou intercessoras, que frequentemente haviam sido olhadas com desconfiança pelos bispos do século XVIII, readquiriram o seu estatuto de privilégio com os encorajamentos vindos de Roma (1995, p.256).*

O perfil de santo missionário e taumatúrgico enquadra-se perfeitamente na descrição da vida de padre Pelágio. Nossa questão, todavia, não está nos dados apresentados, mas principalmente nos protocolos que guiaram sua exposição. Os textos da “introdução” e da “premissa” redigidos pelos representantes da causa em Roma, e não por quem executou a investigação, fornecem algumas diretrizes gerais.

O primeiro parágrafo da “introdução” inicia com uma referência à tentativa de canonizar padre Anchieta. Ela seria uma primeira “campanha nacional”, afirma o texto, e o processo de padre Pelágio estaria iniciando uma segunda movimentação nesse sentido<sup>1</sup> (GOININEN, 2005, p.5). Independente da abrangência dessa assertiva, ou de seu grau de correspondência, vemos a preocupação de *universalizar* o catolicismo. Agora, ele passa pelas identidades nacionais, regionais talvez, e daí a importância desse “novo” santo ser reconhecido.

Já o segundo parágrafo toca no aspecto *pastoral* do reconhecimento. Essa tem sido uma grande preocupação do clero nas últimas décadas, centro da realização e das decisões do último concílio ecumênico Vaticano II. A vida de Pelágio, conforme está descrita, demonstraria essa atitude fundamental de cuidado com a sociedade, de responder às necessidades do mundo.

O terceiro parágrafo refere-se à devoção popular e o quarto ao arcebispo de Goiânia. A ponte está feita: o clero e a população estariam unidos em torno daquela causa. As divisões

---

<sup>1</sup> O texto está datado como julho de 2005, portanto antes do brasileiro Frei Galvão, da Ordem franciscana, receber o almejado título de santo.

estariam, destarte, superadas; a igreja, em sua universalidade, servindo aos interesses maiores da fé e da expansão do Reino de Deus.

Após tal demonstração de capacidade da igreja, de cumprimento do dever através da canonização e das utilidades fazê-la com padre Pelágio, é que há uma referência ao milagre. Este fator continua a ser fundamental para o bom andamento do processo, mas ele ocorre de uma forma relativamente humilde. Não só pela posição argumentativa, mas também pela necessidade de ser certificado pela ciência. A verdade religiosa surge aparentemente submissa àquilo que um médico afirma, ou não. Reforcemos esse caráter aparente, porque aquilo que pertence ao sobrenatural engloba o universo naturalizado e fechado dos métodos científicos. Ora, quem reconhece aquele que supera a natureza possui estatura ainda maior que ele. Na verdade, então, a igreja se coloca como senhora do Universo natural e sobrenatural, como um canal entre a divindade que tudo criou, que mantém e domina as possíveis leis existentes.

A expansão desse *domínio integral* é denominada evangelização. Pelágio dedicou sua vida a este projeto, sendo um modelo para o mundo atual. Tal é a tese que funciona enquanto “premissa”. Sendo elevado a modelo, é óbvia a necessidade da construção de uma *legenda*. Esse termo, que era utilizado para as antigas vidas de santos, tem ainda o significado de indicar “o que deve ser lido”, ou seja, interpretado.

Os fatos narrados precisam, portanto, compor essa imagem a ser imitada. Ela deverá reunir aspectos destacados na ação da igreja que pretende trazer salvação ao mundo. A intenção do processo já vem colocada antes, constitui uma pré-tensão à compreensão de quem realmente foi Pelágio Sauter.

Quem forneceu dados para a investigação possui isso em mente? Podemos supor que, em parte, sim. Não por uma imposição repressiva, mas pela identificação com a instituição normatizadora do processo. A própria seleção das testemunhas já pressupõe um grau forte de conformidade identitária. Como muitos conheceram pessoalmente padre Pelágio, deduz-se que a identificação fora, literalmente, realizada através de sua intermediação.

Noventa e seis pessoas testemunharam, incluindo três bispos que são arrolados ao final da segunda parte do processo. Deste grupo, somente duas pessoas não o conheceram, justificando sua inclusão as graças que receberam com Pelágio já falecido. Para os dados que se seguem, deixaremos os dados episcopais<sup>2</sup> à parte, como fez o próprio processo. Buscamos mapear quem interessa ser escutado neste tipo de investigação.

---

<sup>2</sup> São eles Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, arcebispo de Goiânia, D. José Carlos de Oliveira, bispo de Rubiataba (GO) e D. José Rodrigues de Souza, bispo de Juazeiro (BA), os dois últimos redentoristas.

Predominam amplamente as mulheres, formando 68% do grupo. Apenas duas são religiosas, significando que a inquirição dá voz a um grupo que não tem geralmente poder de decidir ou mesmo opinar na lógica da hierarquia eclesiástica. Mesmo assim, é bom ressaltar que as entrevistas iniciam com a fala de um padre e conclui com os três bispos. O testemunho dos eclesiásticos, a nosso ver, possui destaque especial, apesar de ser em número reduzido (8%)<sup>3</sup>.

São mulheres na faixa dos setenta anos. A investigação valoriza os idosos, como se vê na tabela abaixo:

Faixa etária	Porcentagem no grupo
39 a 63 anos	10%
64 a 70 anos	29%
71 a 79 anos	40%
80 a 87 anos	20%
88 a 96 anos	01%

Nota-se que o grupo predominante vai de 71 a 87 anos (60%), havendo depois desta idade apenas uma pessoa com noventa e seis anos. Abaixo de 58 anos temos somente quatro indivíduos. Teriam as idosas maior credibilidade aos olhos da cúria? Demonstrariam mais firmeza de fé ou fidelidade eclesiástica? É possível, sendo a igreja católica uma sociedade gerontocrática, mas um critério que deve ter tido peso foi o longo tempo de convivência com padre Pelágio.

A maioria dos entrevistados conheceu o missionário até os oito anos de idade (52%), e muitos até foram batizados por ele. Já os que tinham mais de trinta anos quando o encontraram representam apenas 5% das testemunhas. Cruzando este dado com o lugar onde conheceram Pelágio, vemos que muitos foram seus paroquianos ou o encontravam regularmente nas “desobrigas”<sup>4</sup>. Três quartos das testemunhas, inclusive, nasceram em Goiás. Por isso, ele fora caracterizado como um “herói do cotidiano” (GOIANIEN, 2005 - II, p.115 e 359), um padre extremamente dedicado às tarefas paroquiais, sem nada além disso destacando-o dos demais.

<sup>3</sup> Interessante a inclusão de um “padre casado” (GOIANIEN, 2005 - II, P.400), ressalvando-se que o matrimônio fora realizado com autorização da “santa igreja”.

<sup>4</sup> Nome popular para as incursões regulares que os padres faziam nas redondezas. Geralmente, a ênfase estava na administração dos sacramentos, uma “obrigação” que para ser cumprida dependia da presença do clero.

Onde conheceu Padre Pelágio	Porcentagem
Trindade	50%
Goainira	02%
Guapó	06%
Bela Vista	01%
“desobrigas”	10%
Campinas	31%

Foi na região em torno do município de Trindade, onde trabalhou por quase trinta anos, que padre Pelágio começou a ser visto como santo. Poucos relatos milagrosos, entretanto, datam desse período, revelando-se seu carisma taumatúrgico muito mais através de sua atuação na paróquia de Campinas.

Tendo quase oitenta anos, a Ordem resolveu transferi-lo para lá, onde fica a sede conventual. O sacerdote deixou as viagens missionárias, mas dedicou-se a abençoar as pessoas durante a missa da tarde. Permaneceu ainda com o ministério de visitação dos doentes, sempre solícito, afirmam os relatos, no atendimento de quem requisitava sua presença. Muitas testemunhas (50%) o conheceram com idade acima de sessenta anos:

Idade de Pelágio quando o conheceram	Porcentagem
35 a 45 anos	20%
50 a 59 anos	27%
60 a 66 anos	24%
67 a 78 anos	17%
79 a 82 anos	09%
Não sabe ao certo	03%

Isso nos leva a algumas hipóteses sobre a construção de sua imagem hagiográfica. Uma primeira fase se ligaria ao trabalho em Trindade. Ali existem dois aspectos básicos. O primeiro relacionado ao trabalho de missionário, com o padre vestido de sua batina surrada montando na pequena mula para percorrer o “sertão”, administrar os sacramentos e pregar a conversão. Esta é uma representação tradicional nos meios populares do sacerdote consagrado. O segundo, se relaciona aos festejos do Padre Eterno na igreja de Trindade, para onde é realizada a maior romaria religiosa do Estado de Goiás. Acreditamos que os milagres atribuídos ao Padre Eterno confluíram com a atuação do velho e dedicado sacerdote que residiu ali por anos a fio.

Na paróquia de Campinas, padre Pelágio já era conhecido por boa parte dos fiéis que freqüentava as missas e bênçãos ministradas por ele. Contudo, através delas sua fama de milagreiro se consolidou. Note-se que nove por cento das testemunhas o conheceram nos três

últimos anos de vida e ainda assim foram entrevistadas. Neste período, algo mudou e, simultaneamente, uma tradicionalidade pré-estabelecida se confirmou. Os promotores da investigação valorizaram este aspecto.

A nosso ver, haveria um terceiro lugar onde a santidade de nossa personagem se consolidou: o cemitério. Do túmulo de padre Pelágio começou a minar água, elemento a que logo foi atribuído poderes miraculosos. Os dados recolhidos, contudo, não valorizam esta fase da “vida” do santo. Para a população, ela recebe um bom destaque (cf. GOINIEN, 2005-II, pp. 36, 65, 89, 102, 123, 186, 205, 222, 263, 290, 294, 304, 322, 330, 351, 373, 376) o que aponta para as divergências entre os promotores do processo e os fiéis leigos.

A personagem santificada é, destarte, um veículo, elemento que possibilita passagens. Projeta-se como uma metáforização dos desejos. Talvez o que aquele santo tenha sido seja tão importante quanto o que ele passa a ser. A lógica linear do tempo - já que a caracterização dos lugares também recebe redirecionamentos - perde a importância quando o “divino” sobrepõe-se ao “humano”.

A figura pelagiana acabou por catalisar os anseios de muitos goianos. Sua aconceitualidade a transforma numa brecha, ou, quem sabe, um abrigo. A instituição religiosa pode, nesse sentido, suplementar a busca singular dos fiéis, manifestada nas muitas páginas do processo. Ali está revelado o sonho de uma salvação sempre precisa e necessária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOVO, Clóvis de Jesus. *Vida do Padre Pelágio – apóstolo de Goiás*. Goiânia: Editora dos redentoristas, 1999.

BOVO, Clóvis de J. *O jeito de padre Pelágio*. Goiânia: Scala, 2007.

CHATELIER, Louis. *A religião dos pobres*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

DURKHEIM, Emílie. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O inquisidor como antropólogo*. In: GINZBURG, C. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp.280-293.

GOIANIEN. *Beatificationis et canonizationis servi dei Pelagii Saúter sacerdotis professi Congr. SS.mi Redemptoris (1878-1961)*. Roma: Tipografia Nova Res, 2005

QUADROS, Eduardo G. *O devir poético das devoções*. Fragmentos de cultura, num3. Goiânia, 2005 (www.ucg.br/revistas).

VAUCHEZ, André. *O Santo*. In: *Mythos/Logos, Sagrado/Profano*. Lisboa: Casa da Moeda, 1987, pp.287-301.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIOTTI, Hélio A. *Anchieta, apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1966.